

Garis fizeram o serviço com tristeza

A invasão da Quadra 110 Norte — área nobre do Plano Piloto — teve um fim doloroso. Famílias inteiras olhavam incrédulas seus barracos serem derrubados por garis do Serviço de Limpeza Urbana, que, volta e meia, lamentavam sua triste missão.

— Dona, tô aqui não é por gosto. Também moro em *invasão* — desculpava-se um deles para uma velha senhora que, com uma criança no colo, observava silenciosamente seus poucos móveis serem jogados sobre o caminhão. A cena se passa na capital do Brasil, em 1987, Ano Internacional dos Desabrigados.

Sobre a terra vermelha, coberta de lixo e água que vaza das fossas sanitárias, o calor é intenso. Até o meio-dia quatro crianças passaram pela barraca da Cruz Vermelha, desidratadas. Duas mulheres entraram em trabalho de parto e 18 pessoas foram socorridas por cinco estudantes de medicina, vítimas de crises

nervosas, de ferimentos provocados por pregos que despontavam das tábuas ou de terra nos olhos, espalhada por um helicóptero usado para observar a operação e que ficou parado no ar, excessivamente próximo do chão. As vias que circundam a *invasão* estão impedidas ao trânsito.

Sobre a carroceria de um caminhão, Ana Borges, grávida de nove meses, não consegue atender ao apelo do marido, o mecânico Carlos Borges, para que pare de chorar.

— Quando eles precisam da gente vêm cá pedir voto — protestava Borges, com medo de não reaver o patrimônio da família — os móveis e a madeira do barraco, que vão para um depósito.

— Fica quieto — ordena um policial.

— Mas meu barraco tá derrubado, minha mulher tá de nove meses. Cadê meu colchão? Eu não sou vagabundo. Cadê o governo do Sarney? É só agres-

são, só agressão — responde, já descon-trolado, o mecânico.

Chorando e falando, Carlos Borges sobe ao caminhão e começa a jogar para o chão rádio, pratos, panelas e tudo o que é seu. Ana não sabe o que fazer. Três policiais também sobem à carroceria, agarram Carlos e, na luta, espremem a barriga de Ana contra o fogão. Ela grita e se agarra às pernas do marido para que não o levem. Em vão. Carlos Borges é carregado e outros três soldados tentam levá-la até a ambulância. O vizinho José Carlos Silva sobe a uma pilha de compensados e brada:

— Se a criança morrer eu sei de quem é a culpa. Isso é covardia.

O comandante da tropa da Polícia Militar, tenente-coronel Isaías Silveira, o interrompe:

— Estamos aqui em missão de paz.

Longe dali, poucos minutos antes, o secretário Adolfo Lopes comemorava: — A operação final foi exemplar.